

zona franca fábio krayze x dj poco *batida*

gnration

Música e dança circulam sem limites na Zona Franca. Fruto de uma parceria entre o gnracion e o Centro Cultural Vila Flor, este ciclo interdisciplinar é o território livre onde a música autoral e a prática coreográfica se manifestam num diálogo contínuo e multiforme. Por cá, passaram já os encontros entre Vera Mantero e Susana Santos Silva, Piny e xullaji, João dos Santos Martins com Joana Sá e Gabriel Ferrandini com Vânia Doutel Vaz.

É também através da dança e música que Fábio Krayze e DJ Poco contam as suas histórias. Criando pontes entre Angola e Portugal, unem-se em mais uma sessão da Zona Franca para apresentar *Batida*.

26 setembro
dança / música

uma encomenda
gnration e centro
cultural vila flor

Antes da residência no gnration e da apresentação de *Batida*, aproveitamos para deixar algumas perguntas ao Fábio Krayze e ao DJ Poco. Podem ficar a conhecer um pouco mais sobre esta criação nesta entrevista.

1. Como é que nasceu esta colaboração?

Como é que se encontraram?

Já nos conhecíamos, até porque fazemos parte da mesma zona – Rio de Mouro, na Linha de Sintra. A colaboração acabou por surgir de forma muito natural, sobretudo a partir do último trabalho que fizemos em conjunto, *MUSSEQUE*. Foi essa experiência que abriu caminho para continuarmos a trabalhar juntos e chegarmos agora a esta nova criação.

2. O que é que cada um trouxe para o processo de criação que acabou por influenciar o outro?

O Poco trouxe claramente a sua vertente musical, enquanto o Fábio trouxe a sua experiência e linguagem através da dança e do movimento. São duas áreas diferentes, mas que neste processo dependem muito uma da outra. A música influencia o corpo e o movimento, da mesma forma que aquilo que acontece com o corpo pode influenciar a música. Esse diálogo entre os dois universos acabou por ser fundamental para a criação.

3. Sobre o processo de criar a dois, como tem sido? Quais foram os maiores desafios e pontos em comum que encontraram?

Um dos maiores desafios tem sido encontrar a sonoridade certa para a peça, porque a música tem um papel muito importante naquilo que estamos a construir.

Fora isso, estivemos sempre bastante alinhados durante o processo. Temos muitos pontos em comum e existe uma compreensão natural entre nós, também porque os dois bebemos da mesma fonte: Angola. Cada um tem a sua experiência e a sua forma de trabalhar, mas existe uma base cultural comum que facilita muito esse encontro.

4. Quais são as influências que estão por detrás de *Batida*?

A principal influência de *Batida* é, sem dúvida, o Kuduro. É a partir dessa linguagem e dessa energia que começamos a construir e a procurar outras possibilidades, tanto musicalmente como através da dança.

5. Ambos têm uma relação com Angola: Fábio nasceu lá e o Poco tem ascendência angolana. Como é que trazem Angola para este espetáculo? E Portugal, de que forma aparece em *Batida*?

Batida, por si só, já representa um encontro entre Angola e Portugal. A influência do Kuduro traz consigo uma forte ligação a Angola, tanto através da dança como da música.

Ao mesmo tempo, é um trabalho que está a ser criado e desenvolvido em Portugal, por dois artistas que vivem e constroem aqui os seus percursos. Por isso, não sentimos necessariamente a necessidade de separar os dois lugares. Angola está presente nas nossas referências, nas nossas memórias e naquilo que trazemos culturalmente, enquanto Portugal faz parte do lugar onde estamos e de onde esta criação está a nascer.

De certa forma, *Batida* vive precisamente desse encontro entre os dois territórios.

6. O que é *Batida*?

A *Batida* é um género e movimento musical nascido da vibrante cena eletrónica de Lisboa, que cruza música eletrónica com ritmos africanos e afro-lusófonos como o kuduro, a tarraxinha, o funaná e a kizomba. A partir de meados da década de 2010, ganhou projeção internacional, e acabou por se tornar uma importante expressão cultural em Lisboa e contribuiu para afirmar a cidade como um ponto de encontro entre as culturas musicais africanas e a música eletrónica contemporânea.

7. E há alguma batida que liga os dois países? Se sim, que batida é essa?

Existe, sim. Mas aí não podemos dar spoilers... No dia, o público vai poder ouvir, sentir e descobrir as várias batidas que ligam os dois países.

promotores



parceiro

